

TRANSCREVENDO A FÁBULA SEXUAL

um diálogo entre *Joias indiscretas* e a *Vontade de saber*

TRANSCRIBING THE SEXUAL FABLE

a dialogue between *Indiscreet jewels* and the *Will to Knowledge*

<https://doi.org/10.26512/rfmc.v11i1.50931>

Thiago Felix de Morais*

Universidade Estadual do Ceará

<http://lattes.cnpq.br/1550089281370962>

<https://orcid.org/0000-0001-6107-9590>

thfenix2004@hotmail.com

* Mestre em Filosofia, especialista em Psicopedagogia, graduado em História, Filosofia e Letras, autor de livros de literatura fantástica e organizador de uma antologia de artigos acerca da resistência LGBTQIA+ em contexto religioso não-hegemonico; suas áreas de atuação são acerca das pesquisas de gênero, sexualidade e a produção erótica e filosófica do século XVIII.

Thiago Felix de Morais

Resumo

Este artigo visa analisar a interseção da importância do discurso sexual entre as obras *Vontade de Saber* de Foucault, e *Jóias Indiscretas* de Diderot. Enquanto a obra foucaultiana propõe o método genealógico para investigar o dispositivo de sexualidade, visando subverter os saberes históricos e capacitá-los a resistir às imposições dos discursos teóricos dominantes, Diderot aborda a sexualidade de maneira provocativa, criticando tanto a religião quanto o saber-poder científico. Ao apontar a fábula do iluminista como uma alegoria de seu método genealógico, Foucault nos aponta que ambas as obras exploram a interligação entre poder, conhecimento e sexualidade, revelando as complexidades e contradições presentes nas narrativas sobre o sexo em suas respectivas épocas, assim como um possível diálogo entre ambas as análises sociais.

Palavras-chave: Diderot. Foucault. Genealogia. Sexualidade. Poder.

Abstract

This article aims to analyze the intersection of the importance of sexual discourse between Foucault's *The Will to Knowledge* and Diderot's *The Indiscreet Jewels*. While Foucault's work proposes the genealogical method to investigate the apparatus of sexuality, aiming to subvert historical knowledge and empower it to resist the impositions of dominant theoretical discourses, Diderot approaches sexuality provocatively, criticizing both religion and scientific power-knowledge. By pointing to the Diderot's fable as an allegory of his genealogical method, Foucault demonstrates that both works explore the interplay between power, knowledge, and sexuality, revealing the complexities and contradictions present in narratives about sex in their respective time, just as a possible dialogue between both social analyses.

Keywords: Diderot. Foucault. Genealogy. Sexuality. Power.

Foucault traz em sua obra *Vontade de Saber* a ideia de que o método genealógico acerca do dispositivo de sexualidade consistia em “transcrever em história a fábula de Joias Indiscretas” (Foucault, 2020, p. 85). Uma aproximação entre o discurso Foucaultiano e o que Diderot exprime em *Joias Indiscretas* não é, portanto, uma proposta inédita ou despropositada. Em suma, ambas as obras expressam, a partir de conceitos caros às suas respectivas épocas, discursos sobre a sexualidade enquanto lógica, história, significação, símbolo e saber que se tocam e nos permitem um diálogo. Para compreendermos a sistemática desses discursos e suas vias de aproximação, assim como suas possíveis rupturas, tanto entre si quanto com o discurso majoritário em seu tempo, precisamos primeiro discutir o que pretende Foucault por genealogia ao evocar o texto oitocentista:

A genealogia seria, pois, relativamente ao projeto de uma inserção dos saberes na hierarquia do poder próprio da ciência, uma espécie de empreendimento para dessujeitar os saberes históricos e torná-los livres, isto é, capazes de oposição e de luta contra a coerção de um discurso teórico unitário, formal e científico. A reativação dos saberes locais “menores” [...] Eu diria em duas palavras o seguinte: a arqueologia seria o método próprio da análise das discursividades locais, e a genealogia, a tática que faz intervir, a partir dessas discursividades locais assim descritas, os saberes dessujeitados que daí se desprendem (Foucault, 2005, p. 15).

O que está em análise não é, tão somente, perceber os discursos iluministas sobre o sexo. O que se visa é mais do que simplesmente compreender Diderot como o enciclopedista, trata-se de perceber e potencializar as facetas do referido autor que não o são diligentemente estudadas. Trazer à luz não tão somente o romancista Diderot, mas principalmente o licencioso, o marginal, aquele que dialoga com os verbetes da

Thiago Felix de Morais

encyclopedie sobre onanismo, lesbianismo, sexo e tantos outros temas considerados fora do âmbito discursivo da Filosofia¹.

Como já citamos anteriormente, Foucault elenca *Jóias Indiscretas* como a genealogia posta em movimento. Nesse sentido, nos resta melhor observar o uso desse termo. No que consiste genealogia? Segundo Foucault, esse método consiste em compreender a singularidade dos acontecimentos, a distanciando de uma essência fixa, uma finalidade monótona. Sobre isso, nos elucida melhor Dreyfus & Rabinow (1995, p. 118) ao nos inteirar de que a genealogia evita toda profundidade, concentrando-se principalmente em buscar descontinuidades em espaços já outrora estabelecidos; procurando “os mínimos detalhes, as menores mudanças e os contornos sutis”. Em suma, a genealogia quebra a mítica da significação profunda do objeto, revelando que aquilo que parecia estar escondido por sua pretensa profundidade é, na verdade, constatável na superfície, é capilar.

Tomando o exemplo da sexualidade, vemos que genealogia não busca, aos moldes de Platão, conceber Eros como uma força de motivações obscuras, a ser conhecida apenas pelos poetas e filósofos. Não se trata de compreender o desejo enquanto metáfora, o sexo enquanto pano de fundo para a compreensão do real, mas da sexualidade enquanto discurso, como esta passa a estar na ordem discursiva. Aqui nos cabe salientar que a análise genealógica lida com a sexualidade como referencial do discurso, mais ainda, com a historicidade que torna esse referencial possível.

Diderot não possui, evidentemente, um método genealógico, sua filosofia está inserida na historicidade de sua época, no entanto, sua obra elencada pelo filósofo contemporâneo perpassa a concepção de um sexo enquanto metáfora para a construção de uma filosofia profunda sobre a sociedade. Se assim como Matos (2018) assumirmos que a tese principal de *Jóias Indiscretas* é a de que hipocrisia sexual é uma das principais causadoras de disrupção social, e se igualmente percebemos que a revelação

¹ Sexualidade não é um tema comum à academia no que tange o estudo do iluminismo. Nisto é refletida a falta de tradução em língua portuguesa dos verbetes sobre o tema, a exemplo dos supracitados, mesmo nas coletâneas mais recentes de verbetes da *Encyclopedie*.

dessa problemática é feita pelo discurso direto do órgão sexual, logo percebemos que esse movimento das joias é similar à genealogia: perceber o sexo enquanto discurso em si mesmo.

A Vontade de Saber é uma análise genealógica sobre a história da sexualidade nos espaços ocidentais, mais ainda, é uma busca por compreender a relação entre o poder e a sexualidade, assim como, uma crítica à hipótese repressiva, até então bem consolidada em sua época, em que trazia o poder como um mero repressor da sexualidade. Assim como a ideia, até então, em voga de que a “libertação sexual” presente na contemporaneidade de Foucault seria uma real liberação, inédita em seu tempo.

Para combater essa hipótese, que, até aquele momento, parecia se mostrar hegemônica e óbvia, o autor enumera seus traços e suas proposições; retirando o véu obscuro de seus conceitos, explicando como poderia essa teoria ter sobrevivido por tanto tempo dentro da visão social e da Academia, para, então, demonstrar estes conceitos como inverídicos sob o ponto de vista genealógico.

O primeiro destes pontos é a relação negativa, ou seja, a ideia de que o poder jamais exerce relação alguma com o sexo que não seja para interdita-lo; o segundo, a de que o poder prescreveria ao sexo apenas em uma instância binária: interdito ou permitido, o sexo seria, portanto, entendido sob sua relação com a lei; o terceiro ponto é o ciclo da interdição propriamente dita, ou seja, o poder oprimindo o sexo às vias da anulação; o quarto é a lógica da censura e, por último, a ideia de que o poder formaria uma unidade conceitual de proibição, atuando de maneira idêntica em todos os níveis. Todos esses conceitos darão subsistência àquilo que será chamado teoria repressiva.

Foucault criticou a hipótese repressiva ao estudar a história da sexualidade e argumentou que ela trazia uma antinomia em si mesma, ou seja, uma contradição que a tornava limitada. A hipótese repressiva se baseava na ideia de que o poder central exercia uma via de repressão sobre a sexualidade, mas Foucault argumentou que essa visão era muito simplista e monótona. Ele observou que o poder não se restringe a

uma instância monárquica e legisladora, mas se manifesta em diferentes instituições e práticas sociais.

Segundo o filósofo, a sociedade desenvolveu dispositivos que controlam a sexualidade e produzem saberes sobre ela, como a Ciência, a Escola e a Igreja. Esses dispositivos não reprimem a sexualidade em vias de sua anulação, como a hipótese repressiva sugere, mas, ao contrário, a incitam. A sociedade nos incita a falar sobre o sexo e a pensar nele constantemente, o que leva à confissão e à internalização de conceitos médicos e ideológicos que levam à autorrepressão ou à incitação.

Em outras palavras, Foucault argumenta que o poder não se manifesta apenas como uma força negativa que restringe nossas liberdades e desejos, mas também como uma força positiva que molda nossos pensamentos e comportamentos. Ele mostrou que a hipótese repressiva falhou em entender a complexidade das relações de poder na sociedade e que o poder é exercido de maneiras mais sutis e multifacetadas do que se pensava anteriormente. Ao analisar a história da sexualidade, podemos perceber em *Vontade de Saber* uma dinâmica complexa e instável, onde o discurso pode funcionar simultaneamente como instrumento e efeito de poder, como afirmou o autor (Foucault, 2020, p. 110).

A hipótese defendida por Michel Foucault não se baseia na ideia de repressão, mas em outra perspectiva. Conforme observado por Mourani (2009), o foco do autor é compreender como as sociedades desenvolvem procedimentos, técnicas e estratégias de poder que têm como objetivo a produção e intensificação de verdades, saberes e discursos. Para Foucault, o poder não é apenas exercido de forma coercitiva, mas também é construído através de práticas e discursos que moldam as identidades e comportamentos dos indivíduos. Assim, sua abordagem enfatiza a importância de analisar como o poder é exercido e como as relações de poder são construídas e mantidas nas sociedades modernas.

De acordo com esta perspectiva, é possível entender que, na sociedade ocidental, o tema da sexualidade não é simplesmente reprimido, mas, em vez disso, é constantemente incitado e explorado. É por meio de dispositivos de poder que, se encontram presentes em várias instituições

sociais, que a sexualidade é moldada e controlada. Além disso, a confissão se apresenta como uma forma crucial de expressão da sexualidade, uma vez que a pessoa é incentivada a revelar seus desejos e práticas sexuais. É importante destacar que Foucault não enxerga a sexualidade como uma coisa natural e inata, mas sim como uma construção social e histórica que se modifica ao longo do tempo.

Desenvolve-se aqui algo que o autor chamará de *Scientia Sexualis*, uma ciência sobre o sexo que não serve para aumentar ou intensificar seu prazer — como o fará a *ars* erótica oriental — mas, ao contrário, o colocará num patamar de objeto de estudo confessional: o sexo é medido, quantificado, higienizado e restrito a certos espaços. — um processo que não apenas está em plena formação na época de Diderot, mas também irá influenciar sua própria obra.

Em vez de reprimir a sexualidade até sua anulação, a sociedade recorre a seus dispositivos — a Ciência, a Escola e a Igreja — por meio de uma lógica que, ao mesmo tempo, nos incita a falar constantemente sobre sexo ou, ao menos, a pensá-lo. Enquanto isso, desenvolve seu poder não mais por meio de uma moral juridicamente instituída, na qual um poder central exerce sua via de repressão, mas por meio do próprio indivíduo. Ao pensar e confessar sobre o sexo, o indivíduo introjeta os conceitos médicos e ideológicos e se autorreprime ou se incita.

Ao abordar a relação entre a Medicina e os dispositivos de incitação sexual nos séculos XIX e XX, Foucault destaca a importância da Psicanálise nesse processo. Segundo o autor, a Psicanálise foi uma das principais vias de estabelecimento do pacto de aliança entre a Medicina e a sexualidade.

Isso se deve ao fato de que a Psicanálise, ao desenvolver teorias e práticas em torno da sexualidade, contribuiu para a produção e intensificação de discursos, saberes e verdades sobre o tema. Dessa forma, a Psicanálise se tornou um dispositivo de poder, que atuou no sentido de incitar a confissão da sexualidade e, ao mesmo tempo, reprimir certas práticas e desejos considerados desviantes. Apesar de ter contribuído para a medicalização da sexualidade, a Psicanálise não é a única responsável por essa dinâmica. Ela é parte de um contexto mais amplo,

no qual a Medicina, a Igreja, a Ciência e outros dispositivos atuam em conjunto para estabelecer normas e regras em relação à sexualidade.

Portanto, ao analisar a relação entre a psicanálise e os dispositivos de incitação sexual, Foucault evidencia a complexidade e a instabilidade desse jogo de poder, no qual a Medicina e outros dispositivos atuam não apenas na repressão, mas também na incitação e produção de discursos sobre a sexualidade. Como podemos observar:

Neste espaço de manobra veio alojar-se a psicanálise, mas para modificar consideravelmente o regime das inquietações e certezas. Era natural que suscitasse desconfiança e hostilidade no início, [...], pois tratava de percorrer a sexualidade dos indivíduos fora do controle familiar; punha claro essa sexualidade sem recobri-la com o modelo neurológico; melhor ainda, punha em questão as relações familiares na análise da sexualidade. Mas eis que a psicanálise vincula que parecia, em suas modalidades técnicas, colocar a confissão da sexualidade fora da soberania familiar, reencontrava, no próprio seio dessa sexualidade, como princípio de sua formação e chave de sua inteligibilidade da aliança, os jogos mesclados dos esponsais e do parentesco, o incesto (Foucault, 2020, p. 123).

Foucault, em sua tese, aponta para uma transformação no conceito de dispositivo da sexualidade, que ocorreu nos três séculos anteriores à escrita da obra. Essa mudança trouxe consigo um novo equilíbrio de poder, onde a Igreja, que antes operava como dispositivo da sexualidade, impondo sua lei da aliança de forma jurídica, perdeu espaço para a Psicanálise.

Embora a confissão sobre o sexo já fosse importante mesmo antes da Psicanálise, foi essa disciplina que trouxe uma nova abordagem, ligando a sexualidade à ideia do desejo. Essa nova forma de conceber a sexualidade permitiu que as regras da aliança social fossem moldadas de acordo com a vontade dos indivíduos, dando a eles a capacidade de definir as suas próprias formas de se relacionar sexualmente.

Esse aspecto da confissão enquanto incitador do discurso sobre o sexo é um tema importante dentro de *A Vontade de Saber*, demonstrando a evolução histórica do dispositivo da sexualidade desde uma lógica confessional dos padres, até a moderna Psicanálise^{II}

Segundo Foucault, apesar da lógica discursiva sobre a sexualidade derivar do sistema medieval da confissão, não se trata mais de falar acerca das “infrações da lei do sexo”, em um sistema punitivista, mas antes “de dizer, de se dizer a si mesmo e de dizer a outrem, o mais frequentemente possível, tudo o que se possa se relacionar com o jogo dos prazeres” (Foucault, 2020, p. 22).

A pastoral, dirá o autor, postulará sobre o discurso do sexo que este deva ser escrutinado em todos os seus pormenores, já não mais bastava “confessar os atos contrários a lei”, mas colocar todo o sexo enquanto discurso, desde seus atos consumados, até mesmo “os toques sensuais, todos os olhares impuros, todas as palavras obscenas..., todos os pensamentos consentidos” (Foucault, 2020, p. 23).

Originada no sistema confessional pastoral, a lógica do dispositivo da sexualidade tem como objetivo central colocar o sexo em discurso. Não se trata simplesmente de falar sobre o sexo, mas sim de produzir uma ciência sexual completa, um conjunto de técnicas e conhecimentos que, ao mesmo tempo em que estimulam o discurso sexual, também o normatizam e esterilizam. Nesse sentido, a sexualidade passa a ser concebida como um “problema a ser resolvido”, um objeto de análise que deve ser descrito, categorizado e controlado. É assim que a partir dos séculos XVII e XVIII, por meio da medicalização e da psicologização do sexo, o dispositivo da sexualidade passa a operar como uma ferramenta

II Sobre isso vemos em Silva (2014): “As ações deflagradas pelo concílio, que subjaz ao movimento da contrarreforma, aceleram o ritmo anual da confissão. Primeiro como parte de regras meticulosas do exame de si e, segundo, pela importância cada vez maior dada ao sacramento da penitência, do qual a confissão sacramental faz parte, enfatizando-se cada vez mais o escrutínio minucioso da carne e suas insinuações. As obras da carne ou pecados relacionados à carne eram em sua maioria relacionados ao sexo (prostituição, lascívia, adultério), e suas insinuações se referiam aos pensamentos, desejos, pequenos gestos, olhares” (2014, p. 25).

disciplinar, que visa a produção de sujeitos dóceis e controlados, submetidos a um regime de verdades sexuais que são impostas e regulamentadas. Dessa forma, a sexualidade se torna um campo de saber-poder, onde o discurso sobre o sexo é utilizado como uma forma de exercer controle e disciplina sobre os indivíduos e suas práticas sexuais.

Nesse sentido, o poder se forma em torno de uma biopolítica, da necessidade de se regular o sexo através não mais da interdição judiciária, mas por meio de discursos úteis a uma administração da vida. A Ciência, portanto, torna-se aqui uma aliada, não se fala mais de uma regulação sobre o sexo, mas uma economia deste: “é necessário analisar a taxa de natalidade, a idade do casamento, os nascimentos legítimos e ilegítimos” (Foucault, 2020, p. 29).

A verdade sobre o sexo é, portanto, uma verdade sobre a sociedade^{III}; a conduta sexual da população se torna alvo de análise científica e religiosa. Para além disso, é preciso que o sujeito introjete os dispositivos de análise e, por si mesmo, prescrite o seu próprio íntimo e se autocondene — uma forma bastante avançada de um dos principais temas do Iluminismo: o autoexame — nossa sociedade acumulará, segundo o autor, uma quantidade de discurso sobre o sexo inédita até então; assim vemos na seguinte passagem:

Desde o século XVIII, o sexo não cessou de provocar uma espécie de erotismo discursivo generalizado. E tais discursos sobre o sexo não se multiplicaram fora do poder ou contra ele, porém lá onde ele se exercia e como meio para seu exercício; criaram-se em todo canto incitações a falar; em toda parte, dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular (Foucault, 2020, pp. 36-37).

III Essa tese nos remete a apresentada por Matos (2018) no que consistiria o tema central de *Joias Indiscretas*: a de que a mentira basilar em que se fundam os “males da civilização” é a “mentira sexual”. Em suma, o autor defende que no romance, a sexualidade está a serviço da filosofia e busca descortinar a hipocrisia e injustiça social a partir do tema.

Em paradoxo, o sexo não é, neste tipo de sociedade, algo a ser dito de maneira livre ou fora de conjunções previamente estabelecidas; o sexo se estabelece, portanto, como o segredo, algo que se insere na própria mecânica da incitação do discurso; aqui há uma exigência de se falar sobre isso, uma devoção ao discurso, mas a um discurso codificado, higienizado, falado sob estritas condições, colocando-o, portanto, sempre na centralidade, ao mesmo tempo que o mantém como um segredo que a todo momento deve ser descavado.

O segredo do sexo é uma incitação ao discurso, uma busca pela verdade sobre o sexo, que é, sobretudo, uma verdade sobre a sociedade ocidental. Nesse sentido, não se trata apenas da física da sexualidade, mas do sexo enquanto história, significado e discurso. Como afirma Foucault, o sexo fala e é a partir dele que se extrai, em nossa sociedade, a verdade sobre si mesmo e sobre os outros. Essa busca pela verdade sobre o sexo é uma característica marcante da modernidade, onde a sexualidade passou a ser vista como um objeto de estudo e controle. Com a medicalização e a psicologização do sexo, a partir dos séculos XVII e XVIII, o dispositivo da sexualidade passou a operar como uma ferramenta disciplinar, visando a produção de sujeitos dóceis e controlados.

Nesse contexto, o discurso sobre o sexo passa a ser utilizado como uma forma de exercer controle e disciplina sobre os indivíduos e suas práticas sexuais. É por meio desse discurso que se estabelecem normas e verdades sexuais que são impostas e regulamentadas. Dessa forma, o dispositivo do sexo não só regula as práticas sexuais dos indivíduos, mas também contribui para a construção das identidades sexuais e de gênero.

A sexualidade, assim, é um campo de saber-poder, onde o discurso sobre o sexo é utilizado como uma forma de exercer controle e disciplina sobre os indivíduos e suas práticas sexuais, contribuindo para a construção de um regime de verdades sexuais que permeiam a sociedade ocidental. O sexo enquanto discurso, ou a incitação do discurso sobre o sexo, é aqui, em última instância, uma extração da verdade do sujeito, e é a partir deste ponto que podemos compreender a fábula das *Joias Indiscretas* como uma exemplificação em literatura, do que é o dispositivo de sexualidade na História.

Foucault e suas joias

Ao evocar a narrativa de Mangogul e compará-la ao estado social em que vivemos, Foucault faz alusão daquilo que ele chamará de uma lógica do sexo para além de sua física. Trata-se aqui, na conceituação do autor, do sexo enquanto História, significação e discurso; de um sexo que fala e diz, não apenas sobre si, mas sobre tudo e todos, de uma ambivalência de um sexo-segredo que, ao mesmo tempo que responde ininterruptamente a inquisição social sobre ele, deve permanecer oculto, quase invisível.

Em *Jóias Indiscretas* o anel mágico se mostra como um dispositivo de extração da verdade sobre si, e, portanto, ele é trazido à tona por Foucault como uma metáfora do dispositivo da sexualidade em nossa própria sociedade. Somos a todo momento a joia confessora, o sultão e seu próprio anel; vítimas de, nas palavras do autor “uma imensa curiosidade pelo sexo, obstinados em questioná-lo, insaciáveis ao ouvi-lo e ouvir falar nele, prontos a inventar todos os anéis mágicos que possam forçar sua discrição” (Foucault, 2020, p. 85). Aqui fica claro que, para Foucault, o anel mágico é uma poderosa metáfora para a forma como nossa sociedade lida com a sexualidade, expondo-a de forma indiscriminada e buscando historicamente diversas maneiras de desvendá-la e controlá-la. Assim também observa Mourani (2009, p. 88), que acrescenta: “a nosso ver, talvez a diferença de um reino para o outro seja a de que lá as joias eram postas a falar, aqui somos nós mesmos que falamos”.

Ao mesmo tempo, podemos compreender a fala das joias como um ato de confissão; o poder inquisitorial do mítico sultão, que é encarnado sobre o anel, atinge aquilo que é chamado no romance de “a parte mais franca das mulheres”, seja porque Diderot acredita em um aspecto psicológico humano regido a partir de causas materiais e biológicas, no caso das mulheres, fortemente orientado por seus ciclos hormonais e uterinos — o que na época era entendido como os vapores que advinham das partes pudendas —, seja porque, ao evocar essa parte como a

mais franca, o que o autor oitocentista busca é a verdade sobre as relações sociais. Assim, podemos compreender que a fábula evocada por Foucault para exprimir o que estuda em *História da Sexualidade* é uma história da verdade sobre o sexo, ou melhor, uma história sobre a extração da verdade sexual.

Além disso, a extração da verdade apresentada em *Joias Indiscretas* se assemelha em método à forma religiosa, também possui semelhanças com a Psicanálise, que seria posteriormente desenvolvida no século XX. É o próprio corpo da mulher, encarnado em sua vagina, que fala e observa a si mesmo, emitindo uma opinião a partir daquilo que foi introjetado socialmente. Esse processo é ainda mais “perfeito” do que qualquer análise psicanalítica, já que é um ser que denuncia sendo o princípio da causa, mas ao mesmo tempo está separado o suficiente de seu portador para não o temer.

No entanto, não é apenas o anel de Mangogul que encarna os aspectos do dispositivo da sexualidade. Diderot, em sua época, já denunciava as instituições que perpetuavam a repressão sexual. Longe de silenciar as joias, os brâmanes (que na linguagem codificada do romance podem ser entendidos como os padres) desejam a instigação máxima dessa fala. Já no século XVIII, Diderot apontava, à sua maneira, aquilo que seria indicado sobre o poder pastoral por Foucault: a religião se utiliza do sexo como uma forma de instigar o medo do inferno; reprime, ao mesmo tempo em que incita a se falar sobre ele, a se confessar os desejos, as faltas e, a partir disso, instiga o medo da punição divina e da punição social.

Vemos em Diderot que “quando os cientistas esgotaram a questão das joias os brâmanes passaram a ocupar-se delas [...] seus ministros pretenderam que o dedo de Brahma se manifestava nessa obra” (Diderot, 1986, p. 67). E continua a partir da fala de um desses religiosos:

Que ouço em todos os círculos? Um murmúrio confuso, um rumor inaudito chega meus ouvidos. Tudo está pervertido, o bom uso da palavra [...] é, por obra de sua vingança (de Brahma), transportado a outros órgãos. E que órgãos! voz o sabeis, senhores! foi preciso que este prodígio, para despertar desse seu torpor, ó povo ingra-

Thiago Felix de Morais

to. Como se teus crimes já não tivessem testemunhas o bastante, sem que seus principais instrumentos precisassem elevar a voz! Sem dúvida, passaram da medida, pois que a coleira do céu buscou novos castigos ponto [...] em toda parte, depuseram contra ti e revelará e revelaram tua torpeza ao universo (Diderot, 1986, p. 68).

O religioso continua, ao passo que estabelece que a voz a qual as joias foram dotadas seria obra não apenas de um castigo divino, mas uma forma de desacobertar os pecados que outrora haviam sido cometidos em segredo. Isso reflete a opinião de Diderot sobre o papel da religião na criação de um contexto sexual antinatural, ao qual os corpos são submetidos.

Não podemos deixar de citar que pouquíssimas vezes, o narrador expressa sua opinião ao leitor. Na grande maioria delas, ele se esconde por detrás de um segundo narrador, chamado de “o autor africano”, dando-nos a entender que esse romance é uma tradução comentada de uma fábula mística. Ainda mais, raríssimas são as vezes que o próprio autor se coloca em diálogo conosco sem esse subterfúgio, o que enuncia a importância dos momentos que ele o faz. Um método narrativo que será cada vez mais explorado e refinado ao longo da vida do autor, estando em seu mais elevado grau em *Jacques, o Fatalista* (2006).

Após a fala dos brâmanes, possuímos um desses momentos que tem uma gravação um tanto quanto confusa, pois o autor estabelece a opinião de diversos membros da alta sociedade sobre o evento e expressa duas opiniões que parecem tão divergentes que se tornam inconciliáveis: o erudito acreditava que o brâmane falava do que mal havia refletido e que sua apresentação fora fria e enfadonha, já os devotos vociferavam que aquela era a apresentação mais brilhante que havia acontecido ali em muito tempo.

Para criticar a Igreja e os religiosos, Diderot concorda com ambos, sugerindo que, embora seja tediosa e pouco útil, a religião se torna ainda mais insípida quando não se discute sobre os pecados. Isso revela ainda mais o papel provocador de Diderot no século XVIII em relação ao discurso sexual da Igreja e sua dependência desse dispositivo. Em uma passagem específica, a crítica ao caráter da hipocrisia sexual eclesiástica

é encarnada numa personagem cuja joia a denunciara pela prática de masturbação no claustro, trazendo consigo a confissão de várias outras freiras sobre abortos e maternidade. Apesar de estar claramente fundamentada na realidade, ela é a única a receber punição: uma penitência que incluía jejuns e dois meses de oração com um objetivo claro: que todas as joias que ainda não haviam falado permanecessem mudas^{IV}.

No entanto, as semelhanças entre Diderot e Foucault em relação ao assunto não se limitam à crítica do papel da religião nos discursos sobre o sexo. O saber-poder da ciência médica também é postulado como uma tentativa de estimular a voz que revela a verdade sexual. É preciso compreender que, diferentemente da religião, a crítica de Diderot ao saber-poder científico é mais amena, sendo mais caracterizado por alfinetar discursos de seus contemporâneos do que pensar em toda produção do saber científico como parte dos dispositivos de repressão feminina, mas, de fato, não poderia ser diferente.

Diderot era um produto de seu tempo e, como tal, confirma o que Foucault afirma sobre o desenvolvimento ocidental da ciência sexual. De acordo com o filósofo iluminista em sua obra, *Sobre as Mulheres* (2000), a mulher seria dotada de uma constituição fisiológica mais frágil e é, portanto, mais propensa à ingenuidade, tornando-a presa fácil à galanteria. Além disso, sua constituição a faria ser mais controlada pelo diafragma que o homem, assim como seu útero lhe servia como um órgão volúvel, cujas vontades, demonstradas através dos ciclos corporais da mulher, lhes tornava um sujeito mais propenso a rompantes e, também, instável. Embora Diderot reconheça a questão das convenções sociais e da influência cultural para o desenvolvimento da submissão da mulher, o enciclopedista ainda se mantém bastante ligado aos limites da discussão científica de sua época.

É mister compreender que a filosofia diderotiana, em geral, é uma filosofia materialista em seu sentido clássico: a mente, o intelecto e toda metafísica em Diderot parte de pressupostos que admitem a primazia

IV Aqui percebemos que para Diderot a igreja não está interessada na verdade ou na real coesão social, mas, antes de tudo, na manutenção de uma aparência de castidade, uma condição que constantemente beneficia os homens em detrimento das mulheres.

do corpo e da matéria como elementos formadores e norteadores. Sua filosofia política também parte de uma lógica que deriva da economia dos corpos. Não obstante, grande parte de suas obras, como é exemplo de *A Religiosa* (2009) e *Joias Indiscretas* (1986), utilizam-se da sexualidade como forma de discussão social, pois a repressão sexual, e, portanto, uma vida antinatural, são causadoras de males sociais.

É possível observar semelhanças entre os papéis da Ciência na produção de poder e controle social em Foucault e Diderot, por mais que ambos cheguem a conclusões divergentes. Para ambos, o conhecimento é uma forma de exercer poder sobre as pessoas, especialmente em questões de sexualidade. Diderot (1986, 2004, 2023) reconhece que a Ciência é uma aliada na compreensão do corpo humano, mas também vê como ela pode ser usada para controlar e dominar as pessoas; sua crítica, no entanto, é pontual, alguns discursos científicos são questionados, algumas ideias são consideradas ridículas ou perigosas, certos pensadores são acusados de charlatanismo, mas o saber-poder científico permanece intocado em sua análise.^V

Para Foucault, a Ciência e a Medicina são usadas para criar normas e padrões de comportamento, especialmente em relação à sexualidade. Ele argumenta que o poder pode ser exercido através da produção de um conhecimento e que a sexualidade é uma área em que isso é particularmente evidente. A Ciência, portanto, é vista como uma forma de controlar a sexualidade, mas também devemos reconhecer seu potencial para o entendimento e enfrentamento dessas mesmas formas de controle.

Em resumo, Diderot e Foucault concordam que a Ciência e o conhecimento são formas de poder, mas têm perspectivas diferentes sobre como isso pode ser usado. Diderot vê a Ciência como um aliado, mas também reconhece seu potencial para dominar o discurso sobre a sexualidade e como instrumento de perpetuação histórica de sub-

^V Nesse sentido, a partir de uma perspectiva contemporânea, podemos observar nos apontamentos de Diderot as discussões propostas por Foucault sobre o saber científico do século XVIII. No entanto, não podemos concluir que a crítica à Ciência como produtora de um saber que reforça problemáticas de gênero esteja presente no *corpus* do autor oitocentista.

missão. Foucault, por outro lado, vê a Ciência como um instrumento de controle, mas também reconhece seu potencial enquanto ferramenta de obtenção de conhecimento.

Em *Jóias Indiscretas*, Ortocomio é o representante da crítica diderotiana à Ciência no romance, sendo retratado como um charlatão que tenta fazer as jóias falarem usando a Ciência, mas falha, enquanto elas falam por meio da magia. Apesar do fracasso do personagem, ao colocar Ciência e Religião lado a lado como produtores e incitadores do discurso sobre o sexo, Diderot nos fornece indícios que antecipam a crítica que Foucault faria posteriormente.

Fontenay (1981) aponta o fato de que ao longo da tradição ocidental, tanto a filosofia quanto a religião, principalmente quando mescladas, possuem uma tendência a descreditar os sentidos, os creditando a um papel de ferramentas enganosas de percepção da realidade e em sentido religioso, pecaminoso; possuindo, dessa forma, uma desconfiança pungente de todo pensamento empírico. Em suas palavras, as sensações do corpo poderiam por essa tradição serem compreendidas como: “passos e palavras de desejo que afastam do caminho, da verdade e da vida e que conduzem irresistivelmente às criaturas que indevidamente adoramos, passos e palavras de desejo que vagam distanciando-se de um propósito firme”^{VI} (Fontenay, 1981, p.142).

Em nossa sociedade, a *scientia sexualis* fez o papel do anel mágico de Diderot, e, por mais que uma leitura superficial possa enxergar na figura do sultão um representante do poder despótico e central, — como possivelmente era a intenção original de Diderot — um olhar sob a ótica da genealogia da sexualidade pode encontrar em toda miríade da narrativa um processo que, ao mesmo tempo descortina a mentira sobre o sexo e, ainda assim, demonstra sua verdade.

Aqui, evocamos novamente a passagem já citada anteriormente dos jejuns feitos pela freira para que todas as jóias que ainda não falaram,

VI Traduzido do original: “*pas et paroles du désir qui éloignent de la voie, de la vérité et de la vie et qui conduisent irrésistiblement aux créatures indûment adorées, pas et paroles du désir qui errent loin du ferme propos.*”

agora permanecessem mudas. Nesse mesmo momento da narrativa, Diderot evidencia que, apesar das joias deverem se calar na sociedade, a Ciência não tardou em especular e capturar em sua linguagem higienizada a sexualidade que a voz das joias escandalizava, como vemos a seguir.

O falatório das joias produzir uma infinidade de obras excelentes, este tema importante engrossou as coleções das academias com inúmeras memórias, que podemos considerar como esforços extremos do espírito humano. Para constituir-se perpetuar a academia de ciências de Banza, foram e continuam sendo chamados sem cessar os homens mais cultos que havia no Congo, no Monoemugi, em Beleguanze e nos reinos circunvizinhos (Diderot, 1986, p. 43).

A partir daqui vemos que, apesar de com objetivos diferentes, Diderot e Foucault novamente se aproximam, se por um lado o autor oitocentista busca performar em sua narrativa a filosofia materialista e seus discursos sobre o corpo e a sexualidade, exaltando-os; essa passagem demonstra os mecanismos de produção de verdade denunciados por Foucault em sua obra.

Joias Indiscretas evidencia um espírito iluminista que se escandaliza com o discurso sobre o sexo enquanto forma de prazer, presente na *Ars Erotica* oriental, que serve de inspiração para as partes mais licenciosas da narrativa de Diderot. No entanto, a obra também instiga ao discurso sobre o fenômeno do sexo, que é abordado pela fala das joias na narrativa. Diderot tenta domesticar esse discurso, ao mesmo tempo em que o explora, buscando enquadrá-lo dentro dos moldes morais e sociais de sua época, mesmo em uma narrativa considerada escandalosa e voluptuosa. Podemos invocar um trecho da obra de Foucault que expõe a ambivalência dos discursos acerca do sexo:

Os discursos, como os silêncios, nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele. É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, a mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de

resistência e ponto de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, delimita e permite barrá-lo (Foucault, 2020, p. 110).

Dessa forma, podemos concluir que o diálogo entre Diderot e Foucault nos leva a compreender que a ambivalência dos discursos sobre o sexo, como descrita pelo último, é resultado tanto do reforço da interdição, quanto do afrouxamento de laços em torno do tema. O segredo do sexo e seu silêncio são usados para esconder e higienizar o assunto, mas o constante discurso sobre ele é, ao mesmo tempo, uma instigação da qual é impossível escapar, tal qual o anel de Mangogul.

Ao contrário do portador do mítico anel, Diderot não é invisibilizado por essa aproximação. Pelo contrário, as questões levantadas pelo oitocentista, que em sua época poderiam ter sido consideradas apenas como meras ironias, anedotas ou críticas venenosas para com seus rivais, podem ser potencializadas a partir daqui. É inegável o valor do pensamento do enciclopedista para a discussão sobre gênero e sexualidade em sua época, mas, assim como Foucault, podemos compreender o valor inestimável de *Joias Indiscretas* para a discussão contemporânea sobre essa temática.

REFERÊNCIAS

- DIDEROT, D. *Éléments de physiologie*. Paris: Honoré Champion, 2004.
- DIDEROT, D. *O Sonho de D'Alembert e outros escritos*. São Paulo: Unesp, 2023
- DIDEROT, D. *Jóias Indiscretas*. São Paulo: Editora Global, 1986.
- DIDEROT, D. Sobre as Mulheres. In: Diderot, D. *Obras I - Filosofia e Política*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.
- DIDEROT, D. *Obras IV – Jacques, O Fatalista e seu amo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- DIDEROT, D. *Obras VII - A Religiosa*. São Paulo: Perspectiva, 2009..
- DREYFUS, H.L; RABINOW, P. *Uma Trajetória Filosófica: Para além do estruturalismo e da Hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 1995
- FONTENEY, E. *Diderot, ou le matérialisme enchanté*. Paris: Grasset, 1981.
- FOUCAULT, M. *História da Sexualidade I: A Vontade do Saber*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2020
- FOUCAULT, M. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal. 2005
- MATOS, F. *A Cadeia Secreta: Diderot e o romance filosófico*. São Paulo: Unesp, 2018
- MOURANI, D. *Michel Foucault e A vontade de saber*. 2009. 101 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.
- SILVA, C. V. *A confissão como fio Condutor*. 2014, 164f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) — Programa de Pós Graduação em Filosofia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/37349/R%20-%20D%20-%20VALDSON%20CARREIRO%20SILVA.pdf>. Acesso em: 01 jan. 2023.

Recebido em 25 de setembro de 2023

Aprovado em 25 de março de 2024

Publicado em 16 de agosto de 2024